



D. FREI MANUEL DO CENACULO VILLAS-BOAS

ARCEBISPO DE EVORA

21
22
BIBLIOTECA DO EXERCÍCIO
MEMORIA DESCRIPTIVA

DO

ASSALTO, ENTRADA E SAQUE

DA CIDADE DE EVORA

pelos Francezes, em 1808,

IMPRESSA A EXPENSAS DO MUNICIPIO

em gratidão e lembrança do Arcebispo

D. FREI MANUEL DO CENACULO VILLAS BOAS

por A. F. Barata
228



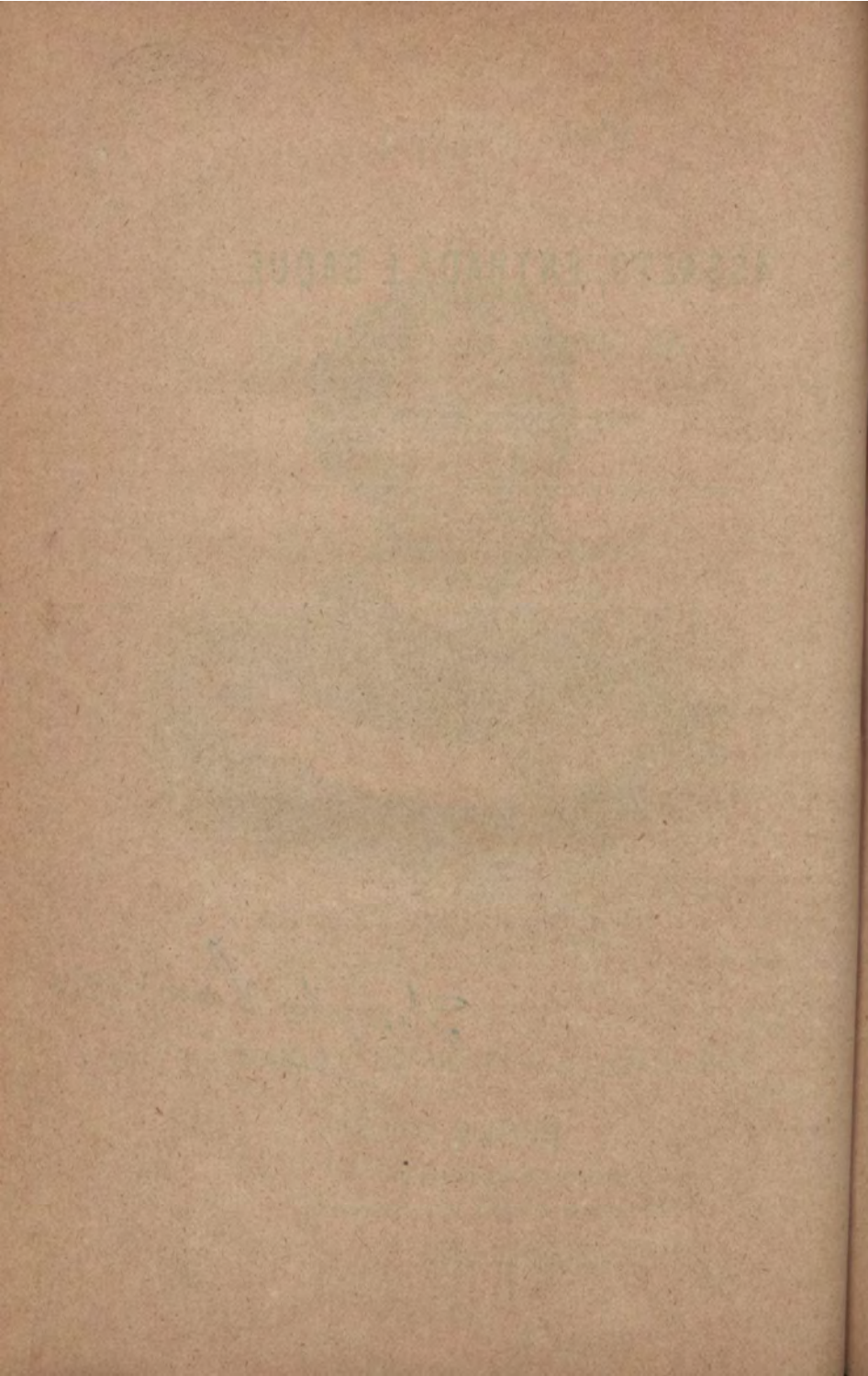
Josepho Loureiro

EVORA

MINERVA EBORENSE

DE JOAQUIM JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ N.º 93

CIO.IO.CCC.LXXXVII



José Ferreira Duarte, vice-presidente da
Camara Municipal de Evora, etc.

Em harmonia com a deliberação tomada em Camara na sessão de 6 do corrente, delego no vereador do pelouro da Instrucção, Antonio Francisco Baptista, o encargo de dirigir os trabalhos de impressão de uma memoria descriptiva do assalto, entrada e saque d'esta cidade, em 1808, a fim de ser distribuída pelo povo no dia 30 d'este mez, em que este Municipio inaugurará um monumento á memoria de D. Frei Manuel do Cenaculo Villas Boas.

Evora, e sala das sessões da Camara Municipal, 9 de julho de 1887.

José Ferreira Duarte.

E os que depois de nós vierem, vejam
Quanto se trabalhou por seu proueito,
Porque elles pera os outros assi sejam..

FERREIRA—Carta 3 do L.^o 1.^o

Anteleitura

Na Corcega-nascera em 1769 uma creança que deveria, quando homem, assombrar o mundo e eclipsar a gloria de muitos: foi Bonaparte.

Educára-lhe para luctas ingentes o genio extraordinario o bater das vagas mediterraneas de encontro ás rochas da ilha vulcanica, em que nascera; quiz ser como a sua patria. Sonhára um dia ver-se batido dos povos armados da Europa, e elle, só, com seus francezes, resistir ao embate formidavel como a Corcega resiste ás vagas, em seu crebro batalhar.

Desde o cêrco de Toulon até á planicie de Waterloo o que nos ficou ahi na historia de assombroso, de cyclopico! Tudo grande! a branca espuma da onda e a vasa revolta; scintilações de gloria e salpicos de lodo; victorias e saques, triumphos e mortes!

Andava o anno de 1808: as aguias de Napoleão volitavam glori-sedentas no céu das Hespanhas, pousavam no extremo occidente, no cubicado Portugal. Junot entrára Lisboa, despresada do profugo Principe regente, D. João VI mais tarde.

Avassallavam divisões francezas as provincias da monarchia d'Affonso: reinava em Portugal o Imperador dos francezes.

Tres generaes do imperio haviam passado o Tejo por sujeitar ao dominio do vencedor da Europa as terras que demoram áquem d'elle.

Talados os campos de Montemor Novo, a mais importante villa entre Lisboa e a cidade de Evora, viu-se esta um dia cercada de cavallaria franceza, assediada de milhares de soldados. E' que havia resistido! E' que sonhára, na febre de seu amor patrio, uma victoria na defesa de vetustas muralhas, uma derrota nos tiros perfidos de frades mal avisados, por menos circumspectos e mais imprudentes. Não podiam os velhos muros de Evora oppor um dique á onda vencedora: os braços monachaes e os de alliados cidadãos tambem não podiam, por diminutos e menos adestrados, se bem que fortes e valorosos, arcar com os domadores de Marengo, e de Austerlitz; e da Europa.

Bem alto o dissera a todos a voz auctorizada do Arcebispo que então regia a Egreja transtagana; mas clamára no deserto: decretou-se a resistencia, fecharam-se portas, guarneceram-se muros, e torres, e barbacãs fernandinas: reinou um pouco o delirio de antegostada gloria, relegado o bom senso para os intermundios da loucura.

D. Frei Manuel do Cenaculo Villas Boas não fôra attendido, não se lhe seguira o conselho.

A tisonada cidade, a poderosa de romanos, e de godos, e de arabes ia dar entrada aos vencedores de mil combates, forçada de seus canhões, de seus assedios, de sua escalavista.

Commemora o dia de hoje o segundo do saque pelos francezes a esta cidade; relembra um feito assignalado de seu Arcebispo, vencedor de vencedores, e paga uma divida mais que muito sagrada.

A cidade de Evora, terceira do reino, em que pese a Braga e Coimbra, salda hoje rejubilosa essa conta de setenta e nove annos, conforme as posses de seu Municipio, e não consoante o pedia a grandesa do credito e o dever de todos seus habitantes.

Duas lapidas de marmore, embebidas nas paredes latte-

raes dos paços do concelho, mostram hoje, e por largos annos o farão ainda, que os heroicos filhos desta cidade não esquecem jámais nem deveres nem obrigações.

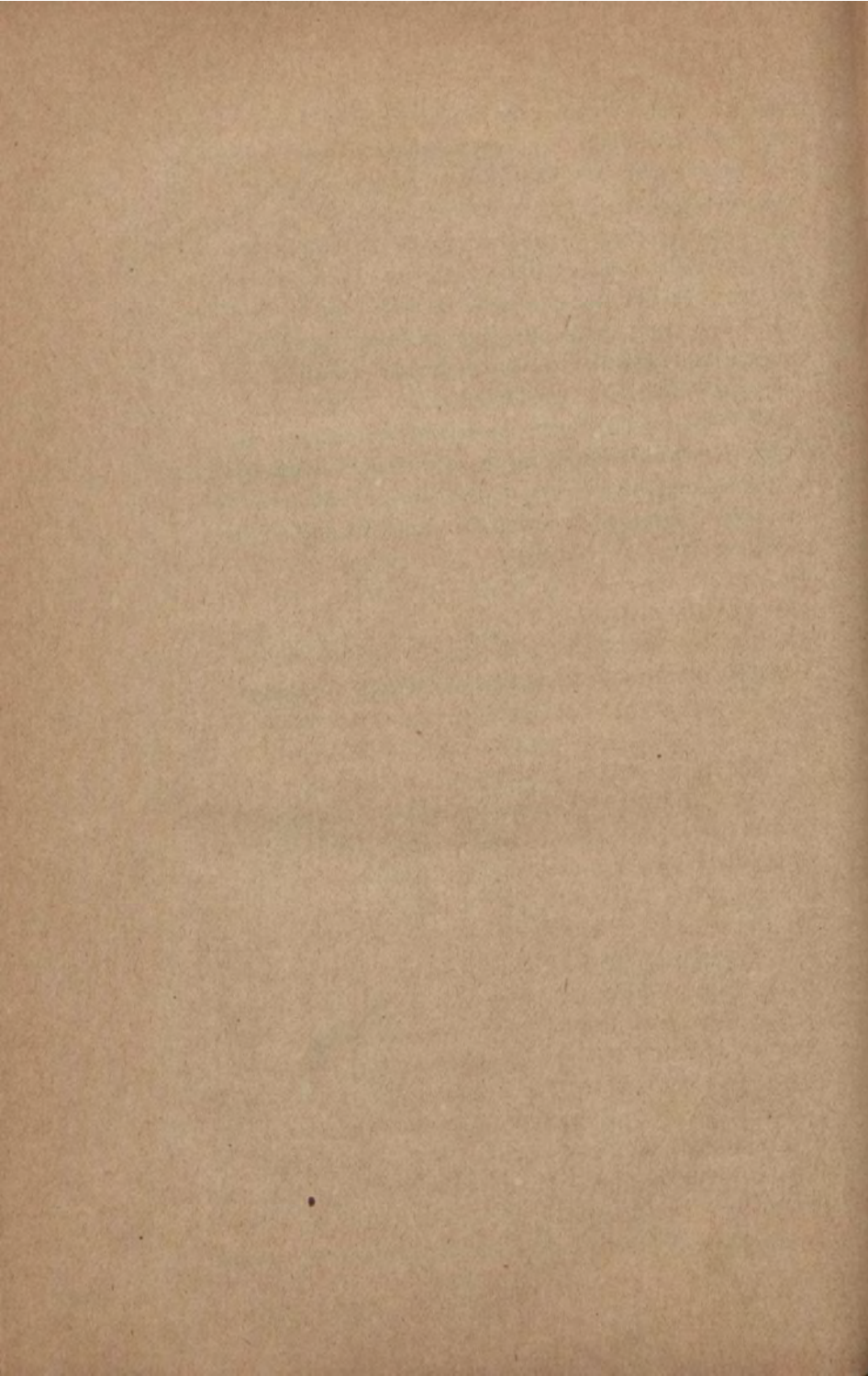
Ao povo, á mais numerosa camada social d'esta boa terra, e a todos offerce hoje a Vereação da cidade uma memoria descriptiva da entrada nella dos francezes, escripta pelo heroe d'este dia, o senhor D. Frei Manuel do Cenaculo Villas Boas, para que bem conheça o quanto soffreram seus antepassados e como é devida e santa á sua memoria veneranda esta homenagem,

Filho adoptivo de Evora, ha dezoito annos, compraso-me em lhe prestar tão diminuto trabalho e desvalioso serviço.

Possam os que vierem depois, os que são seus legitimos filhos, fazer por ella mais e muito do que nós podemos fazer hoje.

O vereador do pellouro da Instrucção

Antonio Francisco Barata.



NARRAÇÃO

Julgo ser do meu officio conservar uma memoria exacta, e individual dos acontecimentos 'nesta cidade de Evora, principalmente relativos á minha pessoa, que succederam desde a intrusão dos Francezes 'neste reino; e tomo por epoca o dia 13 de julho do anno proximo passado, 1808.

Tendo-se recebido 'neste dia uma carta official, escripta de Juromenha pelo commandante das forças hespanholas 'naquella praça, D. Frederico Moretti, dirigida á Camara e povo de Evora, propondo-lhe uma declaração contra o intruso governo, foi necessario proceder ao convocamento das tres ordens, Nobreza, Clero, e Povo, a que presidi; e foi o meu voto que visto o estado da cidade, sem tropa, nem munições, não estava em estado de acceitar proposta alguma, no que todos concordaram, e se fez termo, em virtude do qual foi a resposta, de que se junta copia debaixo do n.º 1.º; e d'ella se julgaram os magistrados obrigados a dar conta ao general Junot para evitar algum rompimento violento, e me foi participado pelos mesmos ministros a boa acceitação com que foi rece-

bido este novo arbitrio. Continuou esta cidade a soffrer pacificamente obedecendo ás ordens do governo intruso, sujeitando-se a executar as disposições dos ministros que administravam as secretarias e tribunaes na côrte, e as expediam com comminação, para evitar as quaes entretinha eu com respostas que acautelassem a esta minha diocese as crueis hostilidades que soffreram tantos povos d'esta perseguida nação, e até me preparei com uma pastoral que fiz imprimir, e é a que vae junta n.º 2.º; a qual cuidadosissimamente não publiquei, sem embargo dos exemplos de muitos outros Prelados que as publicaram, ainda que eu me visse instado e como obrigado a fazel-o pela a insinuação expressa do chamado Secretario de Estado do Interior, Francisco Antonio Herman, em aviso seu e em nome do intruso Junot, datado de 13 de maio de 1808.

Assim permanecemos até que não sei porque clandestina deligencia se convocou o mesmo coronel com alguma pequena escolta a vir a esta cidade encorporar-se com o general da provincia para se repetir a gloriosa acclamação do nosso amavel Príncipe, tornando a governar-nos na sua feliz obediencia pelas leis patrias, o que com effeito se praticou, apresentando-se ao povo na varanda das casas da Camara o retrato do mesmo Senhor pelos dois chefes portuguez e hespanhol, sendo inexplicavel a alegria de todo o povo, com que repetia vivas, repicando-se todos os sinos e desafogando todos os seus prazeres em mil demonstrações. Fiz eu logo que na Sé se cantasse solemniissimo *Te Deum*, se celebrasse grande festa em acção de graças, renovando eu e todos nas minhas mãos o juramento de fidelidade ao nosso legitimo e saudoso soberano.

Recebi e hospedei no palacio archiepiscopal o

coronel hespanhol e grande numero de officiaes e tropa, que com elle concorriam, e estabelecemos um governo de regencia do qual eu era o presidente com o general da provincia. Continuámos por poucos dias 'neste feliz estado deliberando quanto nos pareceu a bem da nossa segurança e commodidade publica, quando no dia fatal de 29 de julho fomos atacados pelo numeroso exercito de nove para dez mil homens francezes, commandados pelo general em chefe conde do Imperio, Loison, e por dois outros generaes de divisão, Solignac, e Margarou; o qual exercito deixava já saqueada a villa de Monte-mor e feita grande mortandade, apesar da vanguarda de oitocentos homens e quatro bocas de fogo que ali tinhamos para defender o passo a qual á vista da desproporção com o inimigo se retirou sem alguma operação de defesa.

Chegado este exercito inimigo ás visinhanças da cidade saíram ao campo os dois chefes com o regimento de Estremoz, o de Voluntarios estrangeiros de Moretti, os artilheiros que serviam as quatro peças hespanholas, alguma cavallaria de Maria Luiza e alguma outra do dispersado regimento d'esta mesma cidade a que juntos os caçadores da ordenança formaria um total de mil oitocentos homens. Não ha palavras para explicar o valor, a intrepidez, o patriotismo e o amor do seu Principe com que esta desproporcionadissima tropa, principalmente os paizanos, arrostrou o inimigo, distinguindo-se muito o regimento de Estremoz, que investia com tanta intrepidez, que o mesmo general Loison me disse que *eram bravos soldados*; e foi tanto o estrago feito no inimigo que passadas duas horas de combate, á vista de terem feito a mortandade de tres para quatro mil homens inimigos mandaram os commandantes varios officiaes ao palacio da minha residência participar-me que a

victoria era nossa; o que foi por mim celebrado com graças particulares dadas ao Deus dos exercitos, que tão visivelmente nos favorecia, e cuidei em promptamente accudir com refeição aos que julgava debilitados com o trabalho da nossa defesa. Quando isto celebrava vejo voltarem os mesmos e mais officiaes em uma fuga debandada, e passados poucos momentos chega Moretti e me diz: *Está a acção perdida; se v. ex.^a não quer morrer ás mãos dos francezes fuja e esconda-se.* Eu, que tenho em meu coração as minhas ovelhas não julguei desamparal-as em um perigo tão evidente.

Corri para a minha cathedral e no meio do confuso alarido, do estrondo dos canhões mandei propôr capitulação; mas já em hora que estava entrada a cidade, desamparada de defensores, pois que toda a tropa tinha fugido em desordem, e quando já entravam pela Sé disparando tiros que mataram o meu capellão da cruz, que com ella e com a pequena communitade que a mim se aggregou, tinha mandado para a porta da egreja, rebentando sobre a abobada granadas que tambem mataram e feriram algumas pessoas e fizeram cair aos meus pés estilhaços e pedaços de pedra, e quando já os officiaes vencedores e soldados apontando-me baionetas ao peito gritavam por dinheiro, ameaçando de morte e saque violento, eu desci do solio supplicando-lhes humildemente pela vida d'este pobre povo. Então foi que elles á vista das minhas humilhações e supplicas deram indicios de que mudavam o parecer em que vinham de que eu era o cabeça da que elles chamavam revolução d'esta cidade; pois que eu era o presidente do governo estabelecido em nome de S. A. R.

Eu não tinha feito acto algum positivo em obsequio da sua nação e nem sendo insinuado tinha feito a publicação de uma só pastoral, e tanto de-

ram d'isto indicio que o general Loison, tendo dado ordem de entrar o exercito na cidade a ferro e fogo, o que foi observado de sorte que a primeira casa em que entraram saqueando foi o palacio archiepiscopal; para elle dispararam muitos tiros accommettendo entretanto a casa e matando o meu bispo provisor, e penetrando o convento de Santa Monica, da jurisdicção ordinaria, no qual entrou o mesmo general e ordenou que dentro 'nelle seria o seu quartel, dispondo-se as afflictas religiosas com cama e mesa, até que informado do meu portamento humilde e pastoral me mandou dizer á Sé pelo seu ajudante e lingua, o portuguez Freitas que se queria aquartelar no meu palacio. Recebi este aviso com demonstrações de satisfação e até de agradecimento, e com permissão da tropa feroz, que nos tinha como prisioneiros na Sé, e com o pretexto de ir preparar a hospedagem que logo me foi recommendada que devia ser decente e abundante para um general e 40 officiaes; isto quando a minha familia estava toda dispersa, não havendo na casa provisões algumas e até sendo já morto por elles o meu cosinheiro. Fui 'neste aperto para casa acompanhado de alguns ecclesiasticos e diocesanos que, por carinho, por medo e para refugiarem-se me acompanharam. Entrei em casa rodeado de militares destimidos, animados com a gloria do triumpho e com o arrojo de inimigos crueis, trazendo as espadas nuas, espingardas e pistolas empunhadas, vendo-me na necessidade de os hospedar sem faltas, para o que nunca podia estar provido e 'naquella occasião muito menos. Então entra, penetrando o interior das casas, o general Loison, com a carranca de triumphador, com a soberba de tyranno, e confrontando-se comigo me disse, com gesto feroz e ameaçador: — *Monseñor Arcebispo é réo de morte; assignou um decreto*

contra a França; é réo de morte. — Ao que eu (gracias a Deus) sem o mais pequeno sossobro e apesar do alarido com que todos os officiaes circumstantes repetiam: — *é verdade que é réo de morte*, correspondi abaixando humildemente a cabeça e o general continuou, apartando-se de mim com gesto e passos furiosos: — *Ao menos devia ter dado parte.* Comecei a dispor a hospedagem e a soffrer os insultos mais humilhantes de se deitarem sobre a minha mesma cama, de penetrarem e esquadrinharem os quartos particulares, de quererem ser servidos das cousas mais exquisitas e com a maior promptidão, até obrigando alguns criados que foram apparecendo, os clérigos e frades como também alguns senhores que se refugiaram no palacio, o qual tive aberto e franco para refugio dos meus diocesanos, obrigando, digo, a que os servissem de prompto, e isto com pontapés, bofetões e ameaças de espadas e pistolas.

Foram com effeito hospedados á sua vontade com tudo quanto indiscretamente pediram, e eu lhes assistia á mesa, sem embargo do perigo a que me arriscava, pois o general ia para ella com um grande punhal que punha junto a si, e os officiaes que estavam a ella e os muitos que tumultuosamente sahiam e entravam, todõs armados de espadas e pistolas, ameaçando todos á mais pequena falta de promptidão. A' vista de todos estes soffrimentos com paciencia e humildade, se resolveu o general a dizer-me que a minha casa era livre de saque e começou a tratar-me elle e mais alguns, poucos officiaes maiores, com menos desprezo e tyrannia; mas não foi a sua palavra observada; porque por elle mesmo general foi a minha casa saqueada excessivamente; não ficou quasi nada da prata de que o meu antecessor se tinha provido; fiquei sem annel episcopal; todo o copioso mo-

netario, que a tanto custo tinha juntado para deixar, juntamente com a grande livraria que tenho edificado (a qual por si só dá tanto a ver a grande despeza que tenho feito para a instrucção do clero e fieis d'este rebanho, que um dos officiaes de grande patente, Mr. Pillet disse ao vel-a: *eis aqui porque o arcebispo não tem dinheiro; pois o tem gastado nisto* — Tudo quanto era ouro e prata foi saqueado, como também rasgados os livros e feitos pedaços os manuscritos, quebrando as mais pequenas e delicadas peças do museu natural e artificial, unicamente para levarem alguns pequenos remates de prata e oiro, fazendo em pedaços imagens de Christo e Santos, em fim, reduzindo tudo a um estado de fazer lastima ainda a quem não é curioso.

Entretanto era aturdida toda a cidade com repetidos tiros, alaridos dos desenfreados saqueadores e dos miseraveis que eram feridos e mortos e que presenciam os desacatos feitos nos templos, o forçamento das donzellas, a entrada nos conventos dos frades e freiras, porque quasi não houve egreja onde não obrassem o insolentissimo sacrilegio de arrombar o Santo Tabernaculo, espalharem pelo pavimento o Sacrosanto Corpo de Nosso Senhor Jesus Christo Sacramentado, para roubarem os vasos sagrados, até chegando a levar alguns com o mesmo Santissimo Sacramento que derramaram no campo; profanando os mesmos templos com homicidios e forçamentos a mulheres de todo o estado e idade. Passada assim a tarde e noite de sexta-feira 29, fui na madrugada de sabbado rodeado pelo general e mais officiaes, mandando-me que fizesse uma exhortação ao meu povo para que obedecesse á authoridade franceza e que ordenasse o desarmamento do clero. Não tive mais remedio do que pegar na penna e com o soccorro do Espirito Santo fazer as duas pequenas pastoraes de

que junto copias — N.º 3.ª e 4.º; as quaes sendo por elles lidas, me ordenaram que promptamente lhe apresentasse vinte copias d'ellas; como tambem que mandasse logo cuidar em enterrar os muitos mortos de que estavam juncadas as ruas e cheias as casas; accrescentando que queriam estabelecer um governo francez do qual seria eu o presidente e que lhe indicasse os membros de que se havia compor a junta; tudo isto com signaes de que a minha vida responderia pela falta de sujeição, quando não havia na cidade pessoas de quem me lembrasse, as quaes não estivessem mortas, como era o meu saudoso bispo provisor, os desembargadores Manuel Simões e Fernando da Silveira, e outros dispersos e fugidos. Tudo fiz auxiliado do meu clero exemplar, que com todo o fervor me ajudaram em um tal aperto e afflicção. Então se seguiu que o general me tratasse com mais benignidade, protestando-me respeito, e que por mim perdoava as mortes que se haviam seguir, como tambem dava a liberdade a innumeraveis prisioneiros que tinha dentro da Sé e nas cadeias, entre os quaes eram muitos frades e clerigos, duzentos homens do regimento de Estremoz e muitos paizanos; levando-me para isso á egreja e fazendo dizer pelo seu lingua a todos que: — *em obsequio e respeito ao seu prelado lhes perdoava a morte e dava a liberdade* — de que resultou que esta afflictissima cidade rompesse nos clamores de que era a mim que elles deviam a vida e o resto dos bens que lhes ficaram (Veja-se a copia junta n.º 5.º). Gozava eu d'esta pequena respiração quando ouço rodar quatro peças e postarem-se na frente da minha casa e um alvoroço e tumulto dentro 'nella, entrando de repente no meu quarto o general e deixando-se cair com todo o pezo em um canapé, me diz: — *Monsenhor, eu não posso com os francezes;*

eu não posso conter os soldados — ao que lhe respondi que não havendo subordinação na tropa nada se conseguia. Era o caso que acabando os officiaes de fazer uma resenha (posto que inexacta) da sua tropa e achando que os mortos lhe passavam de tres mil, instavam a elle general que fosse queimada e arrazada a cidade, principiando pelo palacio archiepiscopal. Accudiu Deus, e passada meia hora mandou retirar as peças, repetindo a fineza de que por mim perdoava tudo.

Passado o sabbado e o domingo entre estas angustias e perigos proximos e evidentes de vida, é incrível quanto soffri por mim e pelos meus; cho-viam as ordens para desarmar (Veja-se a copia n.º 6), para apromptar rações, para arrazar muros, para franquear cofres, para mandar vir conegos que lhes abrissem as suas officinas, d'onde tiraram quanto havia de prata e dinheiro; como tambem de todos os depositos publicos e particulares até que na madrugada de segunda feira mandou o general dizer-me pelo seu secretario, estando eu ainda na cama, que elle com o exercito fazia uma digressão que duraria quatro dias; que me recomendava o governo da cidade, intimando-me mil ordens impossiveis de praticar-se, das quaes elle viria saber a execução. Dei graças a Deus por esta respiração, que me concedia, e continuei com a junta a cuidar no socego e commodo dos desolados habitantes d'esta triste cidade. Dei ordens para haver provisão de mantimentos e para que os dispersos e fugitivos se restituissem ás suas casas e isto fiz unicamente para que o povo deixado a si não se desordenasse e se accrescentassem os males uns aos outros. Passados assim os poucos dias até 13 de agosto, de repente, estando em junta cuidando no commodo e socego dos meus diocesanos, oiço golpes feroces na porta do quarto em que estava-

mos, alarido incivil e ameaçador e aberta a porta acho-me accommettido de uma tropa de contrabandistas, armados de trabucos, punhaes, pistolas, espingardas e espadas, que se apossaram de toda a casa, pondo sentinellas em todas as portas, levando-me e os mais da junta para um quarto interior, onde nos tiveram presos rodeados de guardas, enquanto esquadrinharam miudissimamente todo o palacio em busca do coronel de melicias de Beja, que era um dos membros do governo; sendo esta prisão em que nos tinham tão rigorosa que, para cearmos, foi rodeada a mesa de sentinellas e até para alguma operação natural me necessitaram a fazel-a de uma janella abaixo, mesmo acompanhado de guardas. Não ha palavras para dizer os insultos que soffri a esta tropa de malfeitores, rusticos, incivis, e muito mal animados; até por elles fui roubado sem me deixarem nem capote; revolveram-me as gavetas mais reconditas; destruíram-me e levaram quantos papeis quizeram, ainda dos particulares da minha administração e me deram ordem de que eu e os mais membros da junta havíamos immediatamente ser conduzidos presos para Beja; e isto com tanta violencia e aperto, que apesar de lhes ser representado os meus annos e a impossibilidade de sair de minha diocese, principalmente sem fazer algumas disposições, me diziam com todo o descaramento: — *ha de ir e ha de ir logo* — e 'nesta mesma occasião (talvez para que eu o entendesse) disseram a um dos membros da junta que representava a sua impossibilidade por molestia gravissima: — *ha de ir, pois trazemos ordem para o levar ou vivo ou morto*. Vim a perceber que este procedimento era por ordem de uma regencia incivil e temeraria, que se tinha erigido em Beja, com a pretensão de dominar todo o Alemtejo e ainda mesmo o Algarve, e que constava ter offe-

recido obediencia e sujeição á regencia hespanholla, com manitesta traição contra o direito supremo do amavel Principe que nos rege; a qual regencia não contente com os horrendos crimes que commetteu e fez commetter, usurpando á força de armas quantos dinheiros publicos havia na provincia, commettendo homicidios crueis e injustos, fazendo prisões sem respeito a personagem alguma, pois até pretendiam e davam ordens para ser preso o general da provincia, escreveu á regencia erecta nesta cidade em nome e pela authoridade de S. A. R., á qual eu presidia, pedindo sujeição e obediencia áquella junta a quem queriam attribuir os direitos de suprema; e porque eu com os votos de todos não tinha assentido a uma tão temeraria proposição fiquei sendo o objecto do seu odio, que agora desafogava no insulto de me fazerem passar pela ignominia de apparecer preso e humilhado em uma cidade, onde já serão poucas as pessoas que não tenham sido educadas por mim e até muitas favorecidas com os meus officios e sobre as minhas possibilidades. Fui em fim conduzido no dia 14 de agosto pelas quatro horas da tarde pelas ruas d'esta cidade, cercado de contrabandistas e malfeitoses, com as armas na mão, até impedindo aos povos d'aquella diocese, que creei para que não me fizessem os cortejos e obsequios que, por impulsos naturaes de gratidão, me queriam fazer. Cheguei a Beja no dia 16 pelo meio da tarde: levaram-me á praça e se postaram defronte da casa chamada da regencia: deram parte de que chegava o arcebispo de Evora, ancião de mais de oitenta annos, que tinha regido aquella diocese por mais de trinta e dois annos com carinho de pae e diligencias efficaces para beneficiar a todos os seus dependentes: tiveram-me por mais de tres quartos de hora exposto 'naquella publicidade, sendo

com effeito applaudido e respeitado com lagrimas e vivas de grande parte do povo, a qual disto mesmo era prohibida pela escolta maligna e insolente que me rodeava. Presidia naquella intrusa, informe e desauthorisada regencia um ministro, a quem por alguns doze annos tinha servido e posso dizer que favorecido. Eram membros o meu provisor, que nomeei em se vaga para aquelle bispado, outro clerigo que foi nomeado por demissoria minha, cuja familia subsiste por beneficios meus, e outros rapazes a quem fiz muito bem e poucos exceptuados a quem, ainda mesmo d'esta diocese, não tinha favorecido com pensões annuaes. Nem um só desceu a cumprimentar-me, nem ao menos das janellas me saudaram; só quando já poderia estar cansada a paciencia mais heroica, me appareceu um frade Franciscano, mascarado com chapéu de galão, talabarte e grande espada, ao qual tinha a mesma regencia graduado em celebre intendente geral da policia, o qual me disse que estava o meu *quartel* prompto, isto com tom imperioso, e tornando-lhe eu que já tinha ajustado com os meus Capuchinhos me deixou outra vez, dizendo que ia dar parte, até que passado outro muito longo espaço, me veio conduzir para o dito convento, fazendo marchar á roda mim a mesma corja de satellites; e chegando me entregou ao guardião com a voz de que ficava em custodia, prohibido de comunicação, mais do que com o capellão que me acompanhava e o meu creado de quarto. Ali estive solitario mettido na pequena casa chamada enfermaria, sem reparos nem mais moveis que um banco, com sentinella á porta, na escada, e corpo de guarda na portaria, que vedava a entrada a qualquer pessoa que me buscava. Isto nos primeiros dias, até que passados alguns, talvez envergonhados de tanta injustiça me foi dizer o mesmo trade intendente,

que aquelle tribunal me mandava dizer que podia receber as minhas visitas, e depois d'isso foi que appareceu o meu provisor do bispado de Beja (que segundo os Sagrados Canones administro em sé vaga) em trage de grande personagem, com fxa escarlata a tiracollo, e grande medalha, dizendo-me em nome da sua regencia que fizesse eu uma pastoral áquelles povos, analoga ás circumstancias e que logo se trataria da minha restituição a esta diocese, juntamente com os mais ecclesiasticos e seculares, que comigo tinham sido presos. Fiz a pastoral, que junto por copia N.º 7; foi á censura e lida no consistorio disse o presidente: — Está muito escura: o arcebispo não quer desenganar-se em fallar claro a favor d'esta regencia? — Continuei na minha prisão até que me appareceu um bacharel, Carlos Manuel de Serpa, o qual tinha comigo relações de benevolencia e de favores: este foi escolhido para me dar cargos e fazer perguntas. Sem sossobro respondi instantaneamente por escripto, de sorte que a verdade não agradou, a ponto de nunca apparecer este meu descargo. Permanecia a oppressão até que chegou o felicissimo dia da restauração do governo porque suspiravamos; poz-se em exercicio a regencia que S. A. R. se dignou deixar-nos; não julgou a de Beja ter acabado a sua injusta authoridade, antes era vulgar que aquelles maus administradores da justiça ensinuavam ao povo e o illudiam com a phrase de que a regencia de Lisboa dependia da de Beja para ter jurisdicção. Era publico 'neste reino e lamentado o insulto que me era feito, e chegando por algumas representações feitas por pessoas minhas adherentes e compadecidas dos meus trabalhos a noticia d'elles á suprema regencia da côrte, foi esta no adoravel nome de S. A. R. servida mandar-me restituir a esta minha diocese pelo honroso aviso que

é appenso por copia n.º 8.º e tambem que a minha restituição fosse feita da maneira mais decorosa, mandando ordem, que tambem vae junta por copia n.º 9.º, ao general da provincia para que me fizesse escoltar por toda a tropa necessaria, o que elle general executou tão dignamente, como sabelor do grande insulto e como testemunha da injustiça d'elle, que mandou que a minha escolta fosse feita pelos regimentos de Estremoz, Evora, Olivença e Moura, commandados pelo coronel d'este, que o fez de uma maneira tão religiosa e civil, que me merece uma particular memoria. Com effeito cheguei a Evora no dia 17 de outubro. E' difficultoso explicar o alvoroço e prazer com que fui recebido d'estes meus diocesanos. Cinco leguas distante de Evora comecei a vel-os e desde esta distancia até uma legua proximo á cidade fui sendo encontrado das pessoas principaes do Clero, Nobreza e Povo, até pelos procuradores d'este. Não houve qualidade de demonstração de alegria que me não fizessem. Foguetes, salvas, repiques, vivas, aclamações, adornos de janellas, flores lançadas sobre mim; até a tropa ingleza, que aqui se achava, se postou no adro da Sé, acompanhando-me o commandante e toda a sua officialidade desde que me apeei e se cantou na sé solemnissimo *Te-Deum*, até que me restitui ás salas do Palacio Archiepiscopal, onde com a ajuda de Deus vou vagarosamente convalescendo de tantos trabalhos. — Fr. Manuel, Arcebispo de Evora.

N.º 1 — Registo da carta em resposta á da suprema junta da Extremadura que deu a Camara, Authoridades, Clero e Povo d'esta cidade. — Em consequencia do officio que foi dirigido a esta cidade, pelo coronel commandante da praça de Jorumenha,

foram juntas todas as Authoridades, Clero, Nobreza e Povo que resolveram expôr a vossa excellencia que a posição d'esta cidade e as actuaes circumstancias, fazem com que não tenhamos liberdade alguma para darmos uma decisão. — Deus Guarde a vossa excellencia felices annos — Evora treze de julho de mil oitocentos e oito — Illustrissimo e excellentissimo senhor commandante, general e presidente da suprema junta da Extremadura. = Authoridades: — Fr. Manuel, arcebispo de Evora — Jacintho, bispo do Maranhão — Francisco de Paula Leite, tenente general da provincia do Alemtejo — Francisco Pereira da Silva, coronel das milicias — Francisco Manuel Cousseiro da Costa, tenente coronel commandante da praça — Manuel Ferreira da Costa, sargento mór das ordenanças — Joaquim de Sousa e Menezes, deão — Antonio José de Oliveira, vigario geral — O corregedor da comarca, José Paulo de Carvalho = Camara: — Luiz de Macedo Guerreiro Reimão — O desembargador José Francisco Fernandes Correia — Juiz de fora dos orphãos — Fernando da Silveira Galvão da Gama e Cubellos — Norberto de Sousa Barreto Ramim = Clero: — O doutor Sebastião José Barbosa Cordovil, conego — O doutor magistral Francisco Gonçalves — O desembargador Manuel de Jesus Lamego — Francisco Pereira Merinho, reitor do collegio de São João Evangelista — O superior de S. Domingos, Fr. José de S. Thomaz Simões — Fr. Thomé de Santa Maria e Cintra, guardião = Nobreza: — Fernando da Silva Telles Galvão, desembargador aposentado no Porto — João de Mesquita Pimentel e Pavia — Fernando de Mesquita Pimentel e Pavia — Joaquim José Vieira — Antonio Jacintho da Fonseca — Antonio Manuel Vieira de Lacerda — Francisco José Ribeiro — Joaquim José de Soire — Manuel Rodrigues Pinto da Sil-

veira — Antonio José Pastana — Povo : — Sebastião Rosado Baptista — Nuno José dos Santos, procurador do povo — José Gomes de Almeida Neirão, escrivão do povo — José Lopes de Orta, mester do povo — Jacintho José Mendes — Joaquim José Bernardes, mester do povo — João Ignacio.

N.º 2 (Impresso) — Dom Fr. Manuel do Ceraulo Villas Boas, por Mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Arcebispo Metropolitano de Evora — A todos os Fieis da Nossa Diocese Saude e Benção — Devo á Nossa Egreja lume de instrucção religiosa; porquanto d'ella são, e a ella e a seus obsequios pertencem os instantes que ainda tenho de vida em longa e trabalhada idade. O motivo de acautelar enganos e dissabores e sobretudo a lei nobre da virtude que deve prevalecer em nossas generosas acções, me inspiram a dizer-vos, senhores, dictames sensatos e collocar em vossos corações a indole do sabio imperador, que nos preside e governa. Na intelligencia de sua gloriosa e amavel constituição passareis a actuar-vos em virtuosa e rendida obediencia ao seu imperio. Cuidemos em fazer nossos actos meritorios em relação a seu governo, a cuja sublimidade devemos sujeição e obediencia. A divina palavra nos dicta que, não só por temor mas tambem por consciencia, lhe obedeçamos e que do animo lhe tributemos o sacrificio de nossas vontades. Desde este principio da minha oração desejo que vos persuadeais do quanto ella é fundada. Não superficial, não ligeira nem temeraria. Tem motivos de grande pezo e que podem levar ao profundo da virtude os nossos procedimentos e que na mistura de genios e condições se forme um povo acceite, conduzido por lei e preceito christão e animado por entendimento discreto que

nos levante de rusticas e tristes licenças a esperar do céu benigno acolhimento e graças. Quando as prendas e bondades dos superiores, que a Providencia pôz sobre nossas cabeças, merecem toda a inclinação e pedem que nossas consciencias vão servindo de boas aposentadoras das nossas acções, vamos escutar os impulsos para onde nos arremessa a luz dos nossos interiores: ella é muito clara e espiritual. E' notoria a nova situação em que nos achamos. Quando os sabios sabiamente a descrevam, devemos ajustar-nos á observancia, que os mesmos superiores de nós pedem e eu devo abrir o Evangelho aos meus fieis e dizer-lhes: Que nos é necessario servir-os e obedecer cordealmente, não só por temor; pois que o poder, ao qual obedecemos e servimos todo é de Deus, derivam as jurisdições que nos governam do incomparavel imperador e rei que a nós todos preside. Este character do invencivel Napoleão de nós exige a obediencia mais simples e pura e as fervorosas preces para Deus abençoar as suas intenções, e para que mais e mais nos adopte em suas graças. Quanto maior instrucção tiverem os povos dos argumentos para suas obrigações, mais apurados serão os desempenhos: nem eu pertendo de minha amada Igreja outra coisa, que não seja o apego nobre e christão a suas observancias, olhando-se cercada das obrigações contrahidas e notorias. A summa prudencia do novo imperio tem querido attemperar-se a nossos usos louvaveis, o que nos obriga a uma perfeita observancia; e, quando de novas aspirações devamos alentar-nos, todas ellas são dirigidas para o acerto e decoro dos procedimentos. Porem cabe esta singular novidade em genero de diversas indoles, umas de capacidade bem entendida, outras pobres de arbitrios para se haverem, outras demasiadamente subteis em suas imaginativas.

E porque os animos se devem achar prevenidos para o acerto e sujeição sem desaccordos e sem estranhezas nascidas ou da incuria ou do espanto rude; se ha ovelhas doces, se ha subditos amantes da disciplina é forçoso 'neste estado ser pastor. Portanto vou cumprir com as persuações da estação, pois é necessario o obsequio d'este officio, em que espero da providencia o auxilio de uma oração tão ajustada como a instancia que a requer. Eia, eborenses, espero de vossa amizade, o convencimento de que vos sou muito fiel e tempestivo para desejar encaminhar-vos com justiça. Achamo-nos em uma nova situação. Este conceito pode ser que vos amedronte e vos possa enleiar com sombras em vossas acções quando ellas devem ser de uma vida lisa e exemplar. Vou apontar-vos a fonte d'onde mana licor puro e sadio, de bom costume, para viver entrelaçado um com outro visinho, e serem os meus fieis uma corporação ajustada para o céu e terra de virtuosa gente, e para serem, digo, bons cidadãos, cuja unidade haja de nascer das boas idéas a que vos accostumardes. O character do monarcha ao qual rendemos obediencia e que nos adopta em seus escolhidos conselhos, este character, digo, acha-se repassado pelas vossas idéas animadoras dos vossos corações e dos vossos bons propositos para vos sujeitardes com tanta edificação como súsudeza. Este é o character de uma augusta pessoa, que por suas leis vos intima e confirma na vossa antiga crença religiosa da santa fé catholica. O summo prazer, que esta graça gera nos peitos d'esta educação, nasce do exemplo soberano por vós sabido nas demonstrações de união com a cabeça visivel da Igreja. Esta graça pois é admiravel e vos fará repetir á Divindade com o culto de nossos paes. Se amaes, como eu creio, esta religiosa situação, 'nella insisti para documen-

to e serenidade na ordem temporal. Ainda mesmo nesta ordem da natureza, que tambem é filha de Deus, temos um soberano acredor de nossos continuos, ferventes e humildes obsequios, mui respeitado por solemniſsimas victorias. Adornado por dotes e acções extraordinarias, animado gloriosamente por virtudes transcendentas e prendas, d'aquellas que constituem os heroes e ás quaes devemos tanta felicidade como respeito, ajuntemos a graça e a natureza e se ellas tem adoptado e favorecido com tanto empenho a um senhor em quem reconhecemos as ordens da divindade, continuemos em servil-o, com affectos do coração, e prestimos da mais fiel obediencia. O mundo está cheio de seus gloriosos desempenhos: introduzamos em nossos animos tão sublimes e importantes idéas. Quanto mais d'ellas nos refizermos tanto mais efficaz será nosso contentamento e tanto mais ardente o desempenho dos nossos deveres. Sim, digamos a nós mesmos: *O imperador e rei a quem por instituto e lei devemos obedecer é aquelle soberano que tem determinado ser a fé dos povos do seu dominio, e da Santa Igreja Catholica Romana.* Palavras bastantes para alegrarem os nossos corações, por serem as da profissão que nos deixaram nossos maiores e a que se refundiu em nossos animos por maneira que sempre a temos conservado e espalhado pela força da graça, pelas quatro partes do mundo. Da fé, digo, mandada intimar por sua mesma magestade, para ser crida, explicada e persuadida em seus artigos pelo copiosissimo numero de pastores, mantidos e authorisados para 'nella instruirem as almas, sendo tudo ordenado e mandado pelo mesmo senhor. Esta é a corôa de gloria, que serve de immenso decoro e ornato ás victorias espantosas e á carreira de gloria inexplicavel da sua vida. Os singulares exemplos de suas virtudes marciaes e

da melhor philosophia, em beneficio de seus dependentes, em que se ha esmerado o gloriosissimo imperador e rei Napoleão, nosso soberano, então os revestiu de formosura sublime, quando os sujeitou á religião e quando tem decretado, a bem do clero, providencias dignas de sua dextra.

Do seu adoravel e zeloso arbitrio é tambem a lei sobre a doutrina do cathecismo, e suas dependencias, ao que tudo tem ultimamente dado efficaz energia pela instituição das cadeiras theologicas e das que lhe fazem a cõrte. Mas qual força e energia e pompa na criação d'estes saudaveis estabelecimentos litterarios! São elles dignissimos de uma grande nação accostumada em todos os seus seculos a gostar e promover a litteratura severa e amena e dar d'ella muitas lições aos homens. A heroica maneira com que os mesmos homens a hão de disfructar, executados os bellos progressos, que lhes aprompta um intelligencia soberana, tanto nas artes como nas linguas e sciencias positivas, decidirá da abençoada hora, em que a Providencia Divina formou um nascedio de reflexões novas e incomparaveis. Tudo 'naquella innovação é grande e acompanhado de arbitrios saudaveis para o bom ensino das vidas e acções.

Mas eu vejo outra demonstração da amavel e religiosa exemplaridade do nosso soberano, escolhendo a divina oração dominical, centro, exemplo e recopilção de todas as preces, para ser excitativo da religião dos homens, copiada em cento e cincoenta linguas do mundo inteiro, e exposta na Regia Typographia do Emporio de todas as Lettras, Paris, ao Summo Pontífice, pae bemaventurado das nações. Para haverdes de concordar 'nestes sentimentos, nos tem enviado delegados da sua authoridade, pessoas dadas ao bemquerer, exemplos da mais delicada prudencia. Quando nos

achamos gozando d'este especioso dominio, chega-nos á noticia a certeza da benevolencia de sua magestade imperial e real e de suas apraziveis exposições para com este paiz, como tem soado por todo o reino. Demos, ó eborenses, testemunho da nossa gratidão e prazer, cooperando fieis e agradecidos ás vontades de sua magestade imperial e real; pois havendo recolhido a nação portugueza em sua mente profunda e prodigiosa, nos tem adoptado singularmente para suas graças e mercês. Formemos desde já os votos, que deve o nosso reconhecimento para todas as prosperidades bem-aventuradas do soberano e do imperio e para suas avantajadas fortunas e desempenhos dignos da eternidade. Estas aspirações são correspondencia fiel de nossos animos ao felicissimo e providentissimo annuncio, com que desde o throno augusto se dignou sua magestade imperial assignalar-nos pelas significações mais graciosas de acceitação, benevolencia, independencia e todas as fortunas. Fazer-nos benemeritos d'estas graças e fundal-as com judicioso esmero, deve ser nosso desempenho digno da sublime protecção que suavemente nos excita. Evora em vinte de maio de mil oitocentos e oito. — Fr. Manuel, Arcebispo de Evora.

Na Impressão Imperial e Real — Por ordem do governo.

«D'esta pastoral tiraram-se 500 exemplares, cuja edição mandou o sr. Cenaculo conservar fechada e empacotada, até que depois da expulsão dos francezes elle mesmo a mandou queimar; e só escaparam dois exemplares, um, que o mesmo senhor mandou á presença do Principe ao Rio de Janeiro com esta relação; e este, que aqui está. Escapou mais outro exemplar que o P.^o José Agostinho de Macedo poudé subtrahir da typographia.»

N.º 3.º — Da Pacem Domine in diebus nostris. Dae-nos Senhor paz em nossos dias. — Dom Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Arcebispo Metropolitano de Evora, etc. A todos os fieis d'esta nossa diocese, saude e benção em Jesus Christo. — Accudir ás urgencias do povo com as instrucções necessarias e avisos opportunos é da nossa obrigação pastoral. Nesta inquietação consequente ás adopções do governo é necessario fazer ver aos fieis o perigo de um arbitrio, que nem seja saudavel nem util. Quíz a Providencia Divina que a nossa obediencia e sujeição fosse dirigida e determinada pelo governo do invencivel Napoleão. E' necessario assentar em vaso firme para a segurança dos nossos passos. A instrucção apostolica não se occupa de questões; o que de direito se nos apresenta é o que lêmos nas Sagradas Escripturas: *obedecer a quem nos preside*. Isto assim observado vem a tranquillidade com todos os bens consecutivos. A este desempenho vos exorto e aconselho, certos em que esta obediencia é acção christã. Não ha lugar para questões. Sempre d'ellas se tira molestia e desasocego. Por outra parte nos bens negativos o bom christão deve obrar em virtudes positivas; acreditar o melhor e obrar com approvação meritoria e decisiva. Isto assim entendido e tomado em justa resolução cumpramos, obedecendo aos superiores da actual situação e do imperio do invencivel imperador e rei — Napoleão —, e entremos em socego no governo das nossas vidas cada um na sorte que Deus nos dispensar. Viveremos contentes e em tranquillidade. Dado em Evora sob nosso signal, aos 30 de julho de 1808. — Fr. Manuel, Arcebispo de Evora.

N.º 4 — Emquanto o meu genero de vida me não

facilita para um longo discurso sobre a materia que devo tratar, com tudo sua qualidade importante e os seus abusos que se devem evitar penhoram-me para enunciar do modo possível até que melhorados dias deem ocio e phrase. O objecto não é menos que a reprobção de um abuso pernicioso ao estado moral e ecclesiastico. E' a reprobção, digo, de se armarem os ecclesiasticos, militarmente, segundo lhes inspirar a sua imaginação indisciplinada, e extravagante systema é este opposto ao Evangelho que professâmos. Este manda ser o ecclesiastico manso e humilde: elle veda o fogo e ferro manejado pelo ecclesiastico: elle nos prohibe ser guerreiros e gente armada: nossa milicia é para contender com os vicios e propagar a virtude. Quanto é dissonante d'estes exercicios uma vida guerreira, mal animada e mal comportada! O braço que sustenta a arca do Testamento seria torpemente distrahido para empunhar o ferro e o aço. Seria introduzir no santuario o abuso e o vicio. Não ha engenho nem arte que façam concordar a doçura evangelica e o estrondo das armas. Aquella é a nossa vocação legitima. O contrario seria viver exposto a sanha militar para descredito e demonstrações tristes. Por estas idéas deve o ecclesiastico regular sua vida para nem desagradar á Divindade, que o quer humilde, nem ás potencias temporaes, que tiram escandalo de semelhante abuso. O alvoroço militar que lhe recommendamos é a prompta obediencia ás vozes da sabedoria quando chama para a sua fortaleza e para guarnecer as muralhas da cidade, com a valentia da doutrina e virtude; quando os interessa na vigia contra os assaltos dos inimigos da alma e põem em alerta para perservar dos insultos. Occupados os ecclesiasticos d'estas obrigações jámais se deixarão enganar pelo attractivo da armadura

que lhes é incompetente. A armadura doutrinal para que a sabedoria nos convida é o que a mesma sabedoria escarnada ostentou entre os homens e d'ella deu mostras no Tabor onde ensinou a occupação sacerdotal, servindo aos ministros e sacramentos da lei, dos prophetas e do Evangelho. Confiámos que pelo arbitrio de inspirar aos professores do nosso estado os argumentos, porque se devem dirigir nos actos da sua vida, haverão de conformar-se todos ao clero escolhido e modesto e ao espirito das santas escripturas. Com tudo para a fazerem meritoriamente mandamos ao clero de um e outro estado, secular e regular, não tenham em seu poder nem uzem de armas que lhe são defezas e as deponham no deposito publico, aonde o governo d'esta cidade as tem mandado fechar. Este nosso edital será lido nas igrejas d'esta cidade. Dado em Evora sob nosso signal, aos 30 de julho de 1808. — Fr. Manuel, Arcebispo de Evora.

N.º 5.º — Nós as pessoas da nobreza e povo d'esta cidade de Evora, fazemos saber por esta nossa attestação, a todos os senhores a quem ella fôr apresentada que é ao ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas, nosso arcebispo metropolitano, a quem devemos as vidas que temos e as casas que habitamos; poisque sendo entrada á escala esta cidade no dia 29 de julho passado pelos francezes e recebendo a tropa do seu general Loison, a ordem de entrar a ferro e fogo, começou a executal-a disparando peças de metralha pelas ruas, matando a tiro de fusil e á espada quantas pessoas encontravam sem distincção de sexo, estado e idade, até entrando pela Santa Sé atirando tiros de balla dos quaes houveram varios mortos e feridos, sendo um d'elles o sacerdote capellão

que estava com a Santa Cruz alçada, junto á porta e foi morto pelo estrago dos tiros; e seria total a mortandade se o nosso santo prelado com virtuosa intrepidez (depois de amedrontar com bayonetas apontadas ao seu peito, com alfanges desembainhados e com o estrago de uma bomba que rebentou no tecto da capella-mor sobre a sua cabeça e arrojou proximo a elle porções de metralha e pedaços de pedras) não se prostrasse humildemente ante os officiaes generaes, pedindo o perdão para as suas afflictas ovelhas, hospedando na sua casa o general e quarenta officiaes, dóentes uns, importunos e absolutos todos; sujeitando-se a quantas extravagantes hostilidades lhe faziam, roubando-lhe o seu copioso e rico monetario, levando-lhe todas as cavalgaduras do serviço de sua pessoa e casa, e roubando-lhe até o seu annel episcopal; pretendendo d'elle ordens, pastoraes, até que se sujeitasse a ser governador da cidade e tudo isto com pistolas na mão e espadas nuas, dando toda a certeza de que qualquer repugnancia seria causa da sua morte e do estrago e ruina total d'esta nossa cidade, o que o mesmo general Loison manifestou publicamente na egreja, quando publicou o perdão que dava por sua intercessão não só á cidade senão ainda a duzentos prisioneiros que tinha dentro na mesma Sé; pelo que é geral a confissão que, todos os que ficámos com a vida, fazemos de que é ao nosso prelado a quem a devemos. Isto sabemos porque o presenciámos e outros porque achamos esta notoriedade quando nos recolhemos da fuga em que andámos desterrados, por isso em obsequio da verdade e signal do nosso agradecimento o attestamos com todas as asseverações de honra e religião. — Evora 3o de setembro de 1809. — Seguem-se as assignaturas da Nobreza e Povo, com o reconhecimento em forma.

N.º 6.º — Exercito de Portugal — O conde do imperio, general da divisão, Loison, commandante do corpo de exercito em Evora, ordena a todos os habitantes de declarar, durante o dia, os soldados hespanhoes e habitantes do campo e estrangeiros de fóra da cidade que se achem nas suas casas, como tambem de virem entregar, durante o dia, ao palacio do arcebispo, todas as differentes armas, como espingardas, pistolas, chuços, espadas, isto sob pena de morte; ha de se passar uma revista exacta em todas as casas, campos e quintaes da cidade, e se depois d'esta presente ordem, fôr achado algum dos individuos declarados ou algumas das referidas armas será o dono sejeito á mesma pena de morte. — No quartel general de Evora em 30 de julho de 1808. — O. Loison.

N.º 7.º — Dom Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Arcebispo Metropolitano de Evora, com jurisdicção ecclesiastica 'nesta diocese de Beja, etc. etc. etc. A todos os fieis da mesma diocese saude e benção. — Salvo dos fataes destroços da capital da minha metropole, Evora, facilmente aproveito esta graça para repetir as observações necessarias na outra minha antiga e agora conõnicamente por mim administrada capital do bispado de Beja. Moysés temeu os destroços dos seus irmãos no Egypto e protestou a Deus visitar e observar os que ainda viviam — *Vadam et reverter ad fratres meos, ut videam si adhuc vivant.* — Esta imponderavel graça de achar os bejenses sãos e salvos da tristissima ruina, commove a entranha para agradecer a Deus tão sensivel beneficio. Seus effeitos devem ser tocados em particular para animar os povos. Ainda vivemos, amados bejenses. Ainda nos resta o mes-

mo espirito de vida e de doutrina. Ainda a graça Divina nos fez superiores á turbulenta animosidade, que se atreveo contra as nossas respirações e alento. Sim, é favor extraordinario da Providencia que nos vejamos e escutemos uns aos outros, dizendo-nos: — a força bruta dos demonios que tanto mal sugeriram aos homens e fizeram; mas achou de encontro a Dominação Celeste para nos proteger e defender, como respeitamos no Bemaventurado Archanjo que 'neste feliz territorio por nós intercede e nos defende, agora mais do que nunca verificou a sua dominação. — *Michael quis ut Deus.* — Sim: a Omnipotencia Divina ainda foi servida conservar 'nestes lares as demonstrações da sua Virtude Infinita. Ainda mostra querer a continuação de seus auxilios para conosco: Ainda faz enternecer vosso pastor á vista da vossa religiosa piedade, á vista da vossa resignação para com as permissões da sua justiça: A' vista, digo, de vossas carinhosas e constantes affeições para a vossa antiga devoção ao Senhor Sacramento. Não é possível que vos desprendam d'esta filial affeição quaesquer outros cuidados temporaes. Nem o necessario emprego para as coisas da milicia nem os cuidados economicos e domesticos, nem o estudo, nem as letras tenho conhecido serem capazes de vos desviarem e separar do Sacramento que em boa hora penetrou vossos corações na adoração da Santissima Eucharistia. A este maior dos mysterios attribuo a preservação de maiores males, a conservação da vida nas instantes angustias, sabendo entreter-se judiciosamente com as temporalidades indispensaveis nos officios da vida, nos empregos honrados que a distinguem, no amor da patria que a cohonesta. Alegre com a invenção d'este thesouro, com a animação dos vossos espiritos e constancia de vossos propositos pela

religião, pela justiça e lei; vendo-vos interessados pelo amado Príncipe e pela patria, emquanto me não repito a vós e a vossos festivos clamores de alegria, volto a outros indispensaveis officios, tendo presentes a minha palavra e a vossa fé. Dada em Beja sob o nosso signal e sello das nossas armas aos oito de setembro de mil oitocentos e oito.

N.º 8.º — Os governadores d'estes reinos tomando em consideração o prejuizo, que faz a ausencia de vossa excellencia a toda a sua diocese; recommendam a vossa excellencia, que sem perda de tempo se recolha á mesma para continuar a dar exemplos de fidelidade, caridade e mais virtudes com que v. ex.^a tem edificado sempre estes reinos. E se v. ex.^a quizer ser acompanhado da tropa para maior decóro poderá pedil-a ao tenente general, encarregado do governo das armas d'essa provincia em execução do aviso incluso. O que participo a v. ex.^a para que assim o tenha entendido. — Deus guarde a v. ex.^a — Secretaria de estado dos negocios do reino em 6 de outubro de 1808. — João Antonio Salter de Mendonça. — Senhor Aceebispo de Evora.

N.º 9.º — Illustrissimo e excellentissimo senhor. — Os governadores d'este reino determinam que v. ex.^a faça apromptar uma escolta da força que exigir o Arcebispo de Evora, a qual o deverá acompanhar até á dita cidade, para maior decoro d'aquelle prelado. O que participo a v. ex.^a para sua devida intelligencia e execução. — Deus guarde a v. ex.^a — Palacio do governo em 6 de outubro de 1808. — João Antonio Salter de Mendonça. — Senhor Francisco de Paula Leite.

NOTA FINAL

Não indica o sabio arcebispo Cenaculo em sua memoria o numero de eborenses mortos ás mãos dos francezes, referindo sómente quantos morreram d'aquelles.

Complemento necessario para o leitor formar seu juizo, aqui poremos o que sobre o caso nos offerecem os testemunhos d'esse tempo.

A *Evora lastimosa* de J. J. da Silva eleva o numero de mortos a 300, sendo d'elles 25 mulhereze e 47 padres.

São curiosas as duas relações dadas pelo beneficiado Francisco José Pinto, com respeito á freguezia de Santo Antão e por Bonifacio Gomes de Carvalho, prior de Santiago.

Dos ecclesiasticos mortos pelos francezes o mais graduado foi um membro da casa Torres, o sr. D. Jacintho Carlos da Silveira, bispo do Maranhão, provisor de Cenaculo.

Dos mortos nas demais freguezias da cidade não se conhece relação especial; mas os impressos por esse tempo, de que vamos fazer extractos, supprirão a falta com alguma aproximação. São da livraria do sr. Visconde da Esperança.

João Limpo Pimentel Pereira de Lacerda, no seu *Mappa historico-militar-politico e moral da cidade de Evora*, combatente e testemunha presencial, diz apenas fallando dos mortos: «Seu numero ainda ao certo se não sabe, mas he sem duvida que excedeu a mais de mil e quinhentos.»

E' valioso para a historia este *Mappa*, pelas verdades que n'elle se leem bem amargas para muitos. O coronel Moretti fugiu da acção e d'esta cidade pondo o seu cuidado em levar a tiracollo a guitarra! A nota comica a par da funebre!

Antonio Mexia Fouto Galvão Pereira, na sua *Evora no seu abatimento* etc. ensina-nos que foram mortos 38 padres e frades, 232 seculares dentro da cidade e 800 fora d'ella, entre as muralhas e o cinto de cavallaria franceza, que cercava Evora. Assim deveria ter acontecido, como nos certifica outro escriptor.

José Accurcio das Neves na sua *Historia da restauração*, tomo 4.^o esmiuça dados e particularidades interessantes. Resumamos:

Depois da sete horas da manhã do dia 29 de julho foram vistos os francezes na estrada de Montemor. Os defensores da cidade correram a seus postos.

No alto de S. Bento estavam 4 peças de artilheria e 413 homens; na Quinta dos Cucos uma peça com 280 homens; no outeiro de S. Caetano havia dois obuses e na frente d'esta linha estavam postados 260 cavallos.

A's 11 horas começou o fogo d'ambos os lados; até ao meio dia pôde a artilheria portugueza conter a marcha dos francezes. A's 3 da tarde pendia visivelmente a victoria para os invasores. O general Leite fugia e com elle o coronel Moretti e muitos officiaes.

A's 4 da tarde Evora foi entrada: tocou á degola e começou a mortandade e saque.

A maior carnificina foi a que teve logar entre as muralhas e o cinto de cavallaria franceza que rodeava a cidade: por fugir á morte nas ruas muitos se lançavam das muralhas para serem cortados das espadas francezas.

Os templos cheios de gente não lhe serviram de abrigo.

Centos de pessoas d'ambos os sexos foram mortas durante o dia e noite seguinte.

A's 11 horas da manhã de 30 cessou o saque e mortandade, graças aos rogos do sr. Arcebispo Ceneulo.

FORÇAS QUE DEFENDERAM ESTA CIDADE

O batalhão de voluntarios de Estremoz.	380
Uma companhia de miqueletes de Villa Viçosa. . .	100
Uma dita de caçadores d'Evora.	100
Cavalleiros de Evora.	60
Cavalleiros montados em egoas.	60
	700

TROPA HESPAHOLA

Legião de voluntarios estrangeiros.	400
Duas companhias de granadeiros provinciaes. . .	200
Uma companhia de tropas ligeiras.	100
Cavallaria	250
Artilheria a cavallo	90
Dita, a pé	30
	1:770

O leitor que quizer pormenores da catastrophe leia na Bibliotheca Publica os citados livros. Ha notaveis exemplos de valor.